



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Questão Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social

Sub-eixo: Questão Ambiental

**“AS MARGENS DO RIO SÃO OS LUGARES DO LIXO”¹: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO
DE TRABALHO NO LIXÃO DE IGUATU, CEARÁ**

ADRIANA ALVES DA SILVA²

IARA VANESSA FRAGA DE SANTANA³

ANALICE ARAUJO DE LIMA⁴

MATEUS SOUSA BARBOSA⁵

MARIA GONÇALVES TEIXEIRA⁶

RESUMO

O artigo reflete a realidade dos (das) catadores (as) de materiais reutilizáveis e recicláveis do lixão de Iguatu no Ceará. É fruto das ações realizadas no projeto de pesquisa-ação PIBIC com financiamento da CAPES, onde realizamos visitas ao lixão e vivenciamos o cotidiano de trabalho e o associativismo, possibilitando fazermos apontamentos na defesa da justiça social e ambiental.

Palavras-chave: Trabalho; Lixão; Questão Ambiental; Serviço Social.

RESUMEN

Este artículo refleja la realidad de los recolectores de materiales reutilizables y reciclables del vertedero de Iguatu, en Ceará. Es el resultado de las acciones realizadas en el marco del proyecto de

¹ Essa passagem presente na obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus (2020, p.55) integra a descrição do dia 7 de junho de 1955, onde a autora narra que assim como o lixo, os favelados também ficam às margens do rio. O lixão de Iguatu também é margeado pelo rio Jaguaribe e outros espelhos d’água e lagoas, o que nos motivou a referência.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

³ Universidade Estadual do Ceará

⁴ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

⁵ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

⁶ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

investigación-acción PIBIC, financiado por CAPES, donde visitamos el vertedero y vivimos el día a día del trabajo y de las asociaciones, lo que nos permitió hacer observaciones en defensa de la justicia social y ambiental.

Palabras clave: Trabajo; Vertedero; Cuestión medioambiental; Trabajo social.

INTRODUÇÃO

Partindo das contribuições advindas da ontologia compreendemos que é através do trabalho que o ser humano se tornou ser social. Foi conhecendo, dominando e transformando a natureza, que o ser humano se transformou, criou instrumentos de caça (de trabalho), se sedentarizou, descobriu a agricultura e foi constituindo sua sociabilidade. Nesse processo as formas de sobrevivência humana passaram por modos de produção diversos, como o modo de produção asiático, o escravismo, o sistema feudal e na atualidade o sistema capitalista. (Lessa; Tonet, 2004) Mas a relação entre ser humano e natureza permaneceu constante, ou seja, transformamos a natureza com a finalidade de sobrevivência e bem-estar.

Ocorre que no modo de produção capitalista a finalidade de transformação da natureza está para além das necessidades humanas, pois o objetivo maior é a obtenção de lucros. Esses, por sua vez, são conquistados através da exploração dos bens comuns da natureza e do ser humano que realiza o trabalho, produz riqueza, mas parte dessa produção é apropriada pelo proprietário dos meios de produção, originando a mais-valia e a condição de um trabalho alienado (NETTO; BRAZ, 2006).

Tendo o lucro como foco central desse sistema, a transformação da natureza se faz, portanto, sem observância a sua renovação, mas apenas a continuidade do processo de desenvolvimento da produção, de forma ilimitada. Esse modelo tem impactos sobre o mundo do trabalho, que cada vez mais amplia capital constante em detrimento do capital variável tornando escassa a entrada dos trabalhadores (as) no mercado de trabalho formal, que sem alternativas desenvolvem novas e precárias formas de trabalho com o objetivo de garantir a sobrevivência. Dentre esses trabalhos, ganhou destaque ao longo da história de desenvolvimento do capitalismo, a catação de materiais reutilizáveis e recicláveis desenvolvido por catadores (as) de resíduos.

Os (As) catadores (as) de resíduos são trabalhadores (as) emergidos (as) do aumento do desemprego e da precarização do trabalho ampliado na década de 1990, fazendo parte do exército industrial de reserva, na sua dimensão mais pauperizada. São pessoas que, em parte,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

vagavam pelas cidades sem emprego, fazendo bicos ou em atividades informais, encontrando como alternativa de trabalho para sustentar suas famílias ou simplesmente sobreviver, a coleta seletiva de materiais recicláveis, que na sociabilidade capitalista também se tornou mercadoria. O que para alguns é “lixo”, são descartáveis, para esses (as) trabalhadores (as) é o meio que encontraram para sobreviver. (MNCR, 2008).

São na verdade, trabalhadores (as) que passaram pelo processo de segregação e exploração que em virtude das determinações em que estiveram inseridos (as) desde o nascimento, não foram absorvidos pelo mercado de trabalho ou têm pouquíssimas probabilidades de vir a ser (LUCAS, PEREIRA, SANTOS, 2017).

Os (As) catadores (as) de resíduos são trabalhadores (as) que retiram seu sustento e de suas famílias catando resíduos em ruas, avenidas, lixões ou mesmo em associações de reciclagem. São reconhecidos (as) como detentores (as) de uma ocupação pela Portaria nº 397 do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE, publicada no dia 9 de outubro de 2002, que os inseriu na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), para uso em todo o território brasileiro de “catador de material reciclável”, sob os códigos nº 5192-5, nº 5192-10 e nº 5192-15, os dois últimos se referindo aos “selecionadores de material reciclável” e aos “operadores de prensa de material reciclável”. (REVEILLEAU, 2018).

Os (As) catadores (as) de resíduos são parte do ciclo da cadeia produtiva da reciclagem atuando na maioria das vezes na base de sustentação da cadeia, porém é o que menos recebe por seu trabalho. Cerca de 90% dos materiais recicláveis que chegam às indústrias de reciclagem advêm do trabalho de catadores (as), que possuem habilidades para identificar, coletar e separar o material desprezado pela sociedade. Não obstante, em virtude da grande maioria não estarem representados por associações e não possuem maquinários e equipamentos como prensa, balança e automóvel, os (as) catadores (as) acabam negociando o seu material com atravessadores – indivíduos ou organizações – que pesam, recolhem, conduzem e negociam com as empresas de reciclagem. Em alguns casos, estão/são reféns desses atravessadores, porque estes lhes adiantam/emprestam dinheiro, configurando uma dívida a ser paga com material reciclável (FERRAZ, GOMES, BUSATO, 2012).

Como argumentam Ferraz, Gomes, Busato (2012, p. 767) os(as) catadores (as) fazem parte de um “[...] circuito produtivo pelo lado perverso, já que não possui poder de negociação, e a barganha, muitas vezes, é explorada pelo detentor do capital”.

Na cidade de Iguatu, região Centro Sul do estado do Ceará, a realidade dos (das) catadores (as) de resíduos não difere do retrato da literatura, além de perambular pelas ruas coletando materiais, concentram-se no lixão do município localizado no bairro periférico, chamado Chapadinha. Os (As) catadores (as) têm tentado se organizar em associação, mas muitos são os desafios não apenas no associativismo, mas no trabalho cotidiano que é composto de muitos riscos uma vez que estão diretamente expostos a doenças e, também, a acidentes no ambiente de trabalho.

Na particularidade do lixão de Iguatu, esse espaço não tem infraestrutura, a localização do terreno é íngreme e com declives e aclives, sem iluminação e água. Recebe descarte de todo o lixo produzido na cidade, sem qualquer preparo ou cuidado do solo, ficando o lixo por um vasto tempo exposto, sendo a causa da proliferação de agentes etiológicos e vetores responsáveis por doenças, além das emissões de gases gerados pela decomposição do volume de resíduos (ALVES et al., 2020).

Ante esta realidade, o presente estudo objetivou caracterizar e publicizar o trabalho desenvolvido por catadores (as) de resíduos sólidos que trabalham no lixão da cidade de Iguatu. Essas reflexões foram delineadas em pesquisa realizada por estudantes do Curso Bacharelado em Serviço Social do IFCE, Campus Iguatu, vinculada ao projeto de iniciação científica – PIBIC, com financiamento da CAPES.

Para alcançar o objetivo proposto, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa descritiva, com técnicas de coleta de dados por meio de observação participante no lixão, eventos e reuniões da associação dos catadores, além de entrevista semiestruturada e questionário com os (as) filiados (as) da Associação de Catadores e Catadoras de materiais Recicláveis de Iguatu (ASCAMRI), compondo uma amostra de 15 catadores, incluindo os (as) membros (as) da diretoria e outros (as) indicados (as) por sua participação ativa nas reuniões da associação nos últimos seis meses de 2023. A análise e interpretação desses dados estão nos itens que se seguem.

Evidenciamos que o projeto foi submetido à Plataforma Brasil e todos (as) os (as) participantes foram previamente informados (as) sobre o objetivo da pesquisa, os riscos, benefícios e em seguida consentiram constando suas assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Também foram informados sobre o sigilo das informações coletadas conforme prever a Resolução nº 510 de 7/4/2016 sobre a ética na pesquisa. Para ilustrar as análises trazemos os depoimentos dos participantes da pesquisa identificados (as) pela inicial dos seus nomes.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Caracterização dos (as) trabalhadores (as) do lixão de Iguatu, Ceará

Popularmente conhecido como o “cartão postal da cidade”, o lixão de Iguatu, cidade do sertão cearense, está localizado geograficamente na Rodovia CE-282, a 5 km do centro urbano, em um bairro periférico chamado Chapadinha, onde famílias que sobrevivem como catadores (as) do lixão a céu aberto, residem. (LUCAS, PEREIRA, SANTOS, 2017). A localização do lixão nos faz refletir sobre um higienismo estrutural do país. A tentativa de esconder algo que nem deveria mais existir, mas ser substituído por aterro sanitário e condições dignas para executar um trabalho que desempenha papel fundamental na sociedade, conforme prevê a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS)⁷.

Contrário a esse fato, o jornalista igatuense Honório Barbosa (2020) traz em uma reportagem do Jornal Diário do Nordeste, que são jogados diariamente na rampa do lixão cerca de 60 toneladas de resíduos sólidos, além disso, sendo despejados qualquer tipo de material, sem preocupação alguma com quem vai receber e trabalhar com os resíduos. Dessa maneira, o quantitativo comprova o quão alarmante é a situação e coloca em xeque o desrespeito com os (as) catadores (as) de materiais recicláveis.

A tentativa de esconder o lixão e as pessoas que residem no seu entorno, que são em sua maioria empobrecidas e negras, em um bairro periférico evidencia também o racismo ambiental⁸. Nesse sentido, nos reportamos a Carolina Maria de Jesus em sua obra *O quarto do despejo* (1960, p.28) quando afirma: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”.

Com efeito, assim como em São Paulo, garantidas as suas particularidades de uma grande metrópole nacional, em Iguatu ocorre de forma semelhante e em tantos outros municípios brasileiros, ou seja, os lixões são encontrados nos bairros periféricos, não sendo um caso à toa,

⁷ Lei n° 12.305 /2010 - Política Nacional de Resíduos Sólidos, tem o objetivo de proteger a saúde pública e melhorar ações de cuidado, proteção e preservação ao meio ambiente, bem como, também, procurar estratégias de destinar o descarte correto dos resíduos sólidos para que não seja reproduzido os lixões a céu aberto.

⁸ Conforme Pacheco (2007), racismo ambiental se apresenta nas “injustiças sociais e ambientais que recaem de forma implacável sobre etnias e populações vulnerabilizadas”. Ou seja, sobretudo a população que vive em favelas, povos e comunidades tradicionais que são constituídos principalmente por pessoas negras e outros grupos étnicos, que são colocadas à margem na sociedade, em áreas sem saneamento básico ou qualquer outra infraestrutura adequada para sua moradia e vida.

mas até estratégico, como forma de higienizar os centros urbanos, e esconder um local e pessoas, que assim como os resíduos, podem ser descartadas.

Toda essa estrutura de desigualdade social, racial e ambiental é fruto do sistema e modo de produção capitalista, que lucra com a pobreza e exploração da classe trabalhadora nas suas variadas frações. Com essa referência é importante refletir sobre quem mora nesse lugar? Qual a origem étnico racial predominante das famílias que residem nesses bairros? Como desenvolvem suas atividades para sobrevivência no cotidiano? Muitas questões que nos acompanharam ao longo da realização da pesquisa que resultou neste trabalho.

Com esse propósito e mediante pesquisa realizada junto ASCAMRI, foi possível realizar aproximações de dimensões das relações sociais que caracterizam quem são os (as) trabalhadores (as) que trabalham no lixão. Como vivem as pessoas que retiram seu sustento com a venda dos resíduos produzidos diariamente pela população da cidade.

O lixão de Iguatu, é utilizado para além do descarte de simples resíduos sólidos. Nesse local pudemos identificar que também há o despejo de materiais perfurocortantes e até mesmo de animais mortos e fezes humanas. Segundo Leal et al. (2023), muitos frigoríficos e empresas o utilizam para descarregar restos de carnes ou produtos que perderam a validade. Dessa forma, evidenciando que para além de ser um local onde estão os resíduos sólidos que serão utilizados para reciclagem, os catadores se deparam cotidianamente com materiais que põe em risco a sua vida, podendo ter o contato com alguma doença infectocontagiosa. As carnes de animais mortos chamam a atenção de um grupo de animais com os quais catadores (as) também convivem - os urubus.

Através de aulas de campo e visitas ao lixão, também estivemos em reuniões da ASCMARI para a aplicação de questionários e realização da entrevista semiestruturada com os (as) catadores (as). Nesses momentos de observação participante foi possível perceber que majoritariamente, esse grupo de trabalhadores (as) é composto por mulheres (66,7%) que se declaram como Mulher Cis, 22,2% se declaram como Homem Cis e 11,1% como Mulher Trans. A realização deste trabalho principalmente por mulheres nos leva a reflexão das expressões de gênero, uma vez que além de enfrentar diversos desafios no seu cotidiano como dupla jornada de trabalho, cuidado dos filhos e familiares, ou outros como relacionado a saúde, a renda, e ao seu bem-estar, ainda estão expostos (as) à preconceitos, a exemplo do racismo. Conforme Antunes (2000), “[...] a expansão do trabalho feminino tem se verificado sobretudo no trabalho mais precarizado, marcado por uma informalidade ainda mais forte”. (p.108).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Em verdade, as mulheres trabalhadoras acabam tendo que se submeter a uma jornada de trabalho bem mais exaustiva para além do trabalho realizado no lixão. Essa ainda terá que desenvolver outras atividades em suas casas como lavar roupa, cozinhar, limpar a casa, cuidar dos filhos, acarretando uma sobrecarga de trabalho, prejudicando tanto sua saúde física como mental. Evidenciando assim, o exaustivo trabalho desempenhado por mulheres que promovem o bem-estar e garante o pleno desenvolvimento de todos, menos o seu, visto que, sobrevive sobrecarregada.

Ainda sobre o perfil dos (as) catadores (as) do lixão de Iguatu, no que tange à escolarização formal, a maioria relatou que possui somente o ensino fundamental completo, seguido por uma pequena parcela que respondeu ter finalizado o ensino médio e somente uma catadora se declarou analfabeta. Em relação à raça/cor (7,7%) brancos, (23,1%) parda, (15,4%) pretos e (46,2%) morena⁹, e quanto a composição familiar a maior parcela dos catadores/as têm filhos.

Conforme dados do IBGE, pardos e negros constituem uma mesma classificação, nesse sentido observa-se que mais de 90% dos catadores são negros. Associando este dado a escolarização, constata-se uma realidade perversa confirmando primeiro a discriminação e depois a falta de oportunidade para os negros que sem educação e qualificação acabam sem ingresso no mercado de trabalho, se constituindo o trabalho de catação a forma de garantir a sobrevivência.

Com efeito, é nesse solo permeado por desigualdades sociais e econômicas que o trabalho das (os) catadoras (es) se concretiza. Destarte, é necessário refletir sobre o clima predominantemente quente da região, que segundo dados do Weather Spark as temperaturas chegam a 39°. Trabalhadores (as) que ficam expostos (as) durante muitas horas do dia ao sol sem nenhuma proteção, o que é prejudicial à saúde. Destacamos então mais um fator de risco para os sujeitos. Neste contexto, conforme VEYRET:

[...] não há risco sem população ou indivíduo que o perceba e que poderia sofrer seus efeitos. [...] O risco é a tradução de uma ameaça, de um perigo para aquele que está sujeito a ele e o percebe como tal, originado a partir da condição humana de ser social (cultura) e ser econômico (produção) (2007, p. 11).

Imagem 1 - Lixão de Iguatu com uma trabalhadora

⁹ Apesar de não haver essa opção “morena” no questionário” a grande maioria dos (das) entrevistados (as) se autodeclararam desta forma.



Fonte: Arquivo próprio, 2023.

Outrossim, é válido salientar as queimadas que acontecem no local ocasionadas pela “autocombustão” como mostra o jornalista Honório Barbosa, confirmado pelos (as) catadores (as). Além de prejudicar as pessoas que residem no bairro Chapadinha, dependendo da intensidade pode chegar a outros locais próximos também, como exemplo: Vila Cajazeiras, Vila Neuma, Vila Moura etc. Todos esses locais anteriormente citados são territórios periféricos, racializados e subalternizados.

Mediante as visitas e aproximações que foram feitas com os (as) catadores (as) de materiais recicláveis foi possível realizar um diálogo e apontar alguns questionamentos em relação à forma como observam os fatores de riscos relacionados aos problemas que acometem a população residente nas proximidades do lixão.

Uma das participantes entrevistadas (T.L, 2023) na pesquisa afirma que os problemas mais recorrentes e que afetam com mais gravidade os (as) moradores (as), especialmente as crianças, que residem próximo ao lixão, é decorrente da fumaça. Essa problemática desencadeia diversas complicações relacionadas ao sistema respiratório. É comum entre as pessoas do bairro adoecimentos como cansaço e crises asmáticas.

Outro agravante que também é responsável por adoecimentos, ainda conforme a mesma interlocutora, é a proliferação de insetos como moscas, pernilongos que podem ser a causa de viroses, diarreias em diversos moradores (as). Afirmou ainda que alguns (mas) catadores (as)



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

relataram que pessoas já tiveram que mudar destes bairros em razão desses agravos decorrentes do lixão.

Nesse sentido, percebe-se que para além de lesionar de forma mais profunda e direta os catadores (as) por estarem diretamente inseridos no cotidiano do trabalho no lixão, todo esse fator de riscos acaba atingindo também a população dos bairros mais próximos a ele. Importante refletir por que essa fumaça, e todos os problemas resultantes não chegam aos bairros que fazem parte do centro da cidade? Quem reside próximo ao centro? São questionamentos necessários para compreendermos a dinâmica social e sua estrutura desigual.

Logo, verifica-se que é necessária e urgente a implementação de políticas públicas de equidade e eficazes que garantam às pessoas viverem com qualidade. Muitas pesquisas já evidenciam os problemas dos lixões a céu aberto, não só para as pessoas, mas também para a natureza em razão da poluição e contaminação dos solos, das águas e do ar.

O trabalho a partir de catadores (as) do Lixão de Iguatu, Ceará

Sendo o trabalho a ação responsável por nos tornar quem somos - é o trabalho que funda o ser social, nesta sessão dedicamos reflexões sobre esse, a partir das dimensões apresentadas pelas catadoras do lixão de Iguatu. A partir dos estudos da ontologia do ser social, vimos que é essa atividade de transformar a natureza e ser transformado (a) por ela, que foi ao longo do tempo, nos diferenciando dos demais seres vivos e não vivos da natureza. (Lessa, 2009). Esse domínio da natureza através do conhecimento e dos instrumentos de trabalho que a sociabilidade humana foi desenvolvendo, nos libertou, mas também nos aprisionou, particularmente nos marcos da era moderna.

Aqui nos interessa o trabalho alienado que se constitui no modo de produção capitalista. Assim como a natureza, o ser humano também foi sendo transformado em mercadoria a ser comercializada. A ruptura com o trabalho servil e escravizado e a consolidação do trabalho livre para ser vendido, trocado por um salário, inaugura essa relação de trabalho alienado bastante evidenciada nos Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844 (Marx, 2004). Para esse mesmo autor é essa relação de trabalho alienado que funda o modo de produção capitalista. Os (As) trabalhadores (as) perderam a capacidade de troca orgânica com a natureza, assim como a autonomia do que produzir e com quais ferramentas trabalhar.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A nascente classe burguesa, além de se apropriar do excedente produzido para comercialização, passou a se apropriar também da mão de obra “livre” dos (as) trabalhadores (as). A classe responsável pela produção da riqueza não a possui, pois é apropriada pela classe detentora dos meios de produção. Essa mudança está bem caracterizada no período dos cercamentos e na “Assim Chamada Acumulação Primitiva” (Capítulo XXIV, Marx, 2013). Nesse processo de alienação os (as) trabalhadores (as) vão se distanciando da sua essência criativa, da sua condição teleológica, do que os (as) tornam ser humano.

Na acepção marxista, por conseguinte, a alienação é um fenômeno que deve ser entendido a partir da atividade criadora do homem, nas condições em que ela se processa. Deve ser entendido, sobretudo, a partir daquela atividade que distingue o homem de todos os outros animais, isto é, daquela atividade através da qual o homem produz os seus meios de vida e se cria a si mesmo: o trabalho humano. (KONDER, 2009, p.40)

Esses aportes nos auxiliam a compreender as respostas iniciais advindas da pesquisa-ação realizada junto às catadoras e catadores de materiais recicláveis/reutilizáveis que trabalham no lixão de Iguatu. Importante evidenciarmos que a maioria das pessoas que entrevistamos são mulheres, negras sendo esse o perfil da maioria das trabalhadoras (es) associadas à Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis de Iguatu (ASCMARI). Destacamos também que iniciaram o trabalho no lixão entre a adolescência e a juventude (15 anos e 30 anos).

Quando questionadas sobre o que as levou a trabalharem no lixão, as respostas se encontram nas gerações anteriores, que já realizavam esse trabalho, ou em familiares que também já estavam ocupados no lixão e em situações de extrema necessidade de sobrevivência.

[...] o que me levou a ir trabalhar no lixão, é (...) o pai dos meus filhos ele começou a beber, aí ficou depravado na bebida e eu me vi dentro de casa sem nada e ele bêbado e eu não queria vê meus filhos com falta de alimento. Como eu já tinha família que trabalhava lá e conversei com minha filha mais velha, que tinha 7 anos na época que comecei, a do meio quer dizer, não era a mais velha não. Aí a gente entrou no acordo que no acordo que [quando] ela não tivesse aula ela ia ficar olhando os irmãos dela mais novo para que eu pudesse trabalhar. E assim foi indo. E foi lá que eu costumo dizer que eu renasci de novo, que aí eu comecei a ter atitude, comecei a viver uma vida tranquila, me separei dele e fui morar só com meus filhos. E depois agora, uns 12 anos atrás foi que me juntei de novo. (A.L, 2023)

A minha mãe trabalhou lá no lixão, mas ela hoje é falecida. [Hoje trabalha] eu e meu esposo. (R, 2023).

O que fez você o que fez você se tornar catadora? (Pesquisadora) A pandemia é as necessidades, sem emprego! (J.A, 2023)



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Outra trabalhadora quando questionada respondeu: “Precisão!” (M.V, 2023) E continuou: “Já trabalhei nas casas de família, mas não deu renda, porque comecei a ter meus filhos. Menino quando adocece, a gente tem que ir para o médico, aí às vezes eu faltava 3 dias quando eu voltava a patroa botava para eu ir embora!” Outra catadora respondeu: “Foi a precisão que estava grande!” (T. L, 2023).

Dialogando com a manifestação de A.L, que conseguiu romper com uma relação de violência a partir da autonomia financeira que conseguiu através do trabalho no lixão, outra catadora também encontra “vantagens” nesse trabalho. A senhora M.L começou a trabalhar no lixão quando tinha 30 anos e está com mais de 15 anos no lixão entre idas e vindas de outros trabalhos.

Aí vou e volto. Arrumo outro emprego quando estou cansada de lá. Arrumei outro emprego em casa de família, mas eu sempre estive trabalhando mais lá no lixão. É porque é um serviço mais independente, né? Não tem que estar dependendo de ninguém. Ninguém está lhe mandando. Você vai no dia que quer. Trabalha a hora que quer. E, assim, eu achei melhor, pois já trabalhei muito em casa de família, aí tem um dia que a gente cansa. (M. S, 2023)

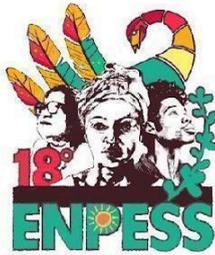
Alguns trabalhadores (as) destacaram os riscos e condições desse trabalho no lixão.

Levei um corte de vidro. Fui descendo na barreira ali, a barreira afundou comigo aqui e o pior que eu tava sozinho um dia de domingo, catando alumínio. Foi muito sangue. Eu peguei e amarrei um pano aqui daí eu fui pro médico. Foi bem aqui, foi no hospital regional (A. O, 2023).

[...] estamos cansados de encontrar seringa, É muito perigoso um negócio daquele a gente levar uma furada de agulha que ninguém sabe onde tava colando e quem foi aplicada aquilo dali, e por isso que eu digo aqui dentro do lixo a gente vem se arriscando! (I. B, 2023)

Esses (as) trabalhadores (as) diariamente convivem com o mal cheiro exalado pelas enormes montanhas de lixo, assim como com a fumaça, a presença de moscas, urubus e roedores, bem como a exposição a inúmeros riscos de doenças e contaminações, pelo fato de manusearem resíduos perigosos como o lixo hospitalar que tem destinação diferenciada, conforme Resolução RDC nº 33/03 da ANVISA, porém não é o que acontece na cidade de Iguatu, conforme citação das interlocutoras.

O trabalho executado cotidianamente pelos catadores (as) de materiais recicláveis acontece através da coleta, separação e venda dos materiais. Suas atividades são realizadas sob a exposição ao sol e a chuva. O horário de realização do trabalho é determinado pelas



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

necessidades materiais de sobrevivência. Se adoecem e não conseguem trabalhar, não conseguem renda - “A nossa renda é a gente quem faz” (sic), afirmação de uma catadora que inspirou o título deste projeto de pesquisa.

Ademais, os (as) catadores (as) não recebem nenhum EPI (Equipamento de Proteção Individual) ou qualquer outra forma que o (a) proteja no ambiente de trabalho. Quando questionamos sobre isso e o apoio de alguma política pública para a realização deste importante trabalho com segurança, uma catadora respondeu:

Não, não recebemos proteções, a que temos somos nós mesmos. Nós é quem compramos luvas e, às vezes, a gente acha tênis. Usamos de lá quando achamos calça, camisa de mangas compridas. E quando não achamos, a gente compra e usa. (M.S.L, 2023)

Sobre a possibilidade de melhores condições de trabalho, a trabalhadora que está a 19 anos no lixão comentou:

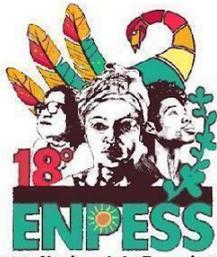
[...] Assim o pessoal tem muita vontade de fazer um barracão ali no lixão, pegar nossa prensa que tá lá. Ele [o prefeito] garantiu de trazer, puxar energia, instalar e a gente trabalhar lá sem precisar de sair do lixão, fazer um galpão de alvenaria, porque de tijolo nós tem que ter condições né. (E. F, 2023)

Diariamente esses (as) catadores (as), catam a reciclagem do lixão, separam, ensacam e vendem “[...] pra pegar no dinheiro e pagar a internet e assim a vida da gente!” (I. B, 2023) Na lida diária catam “[...] catar plástico, plástico filme, borracha, alumínio, cobre”. (T. L, 2023).

Durante visitas realizadas ao lixão foi possível verificar que existem barracas dentro do próprio lixão onde são realizadas as refeições, os (as) catadores (as), acabam fazendo suas refeições rodeado por muitas moscas e urubus. O seu tempo de descanso é quase inexistente, visto que, quando o caminhão da coleta de resíduos chega todos precisam catar os materiais para posteriormente realizar a venda.

Vale salientar que a prática de montar a barraca no lixão serve como estratégia para coletar um número maior de resíduos, mediante o fator que a renda é sustento das famílias dos (as) catadores (as) que dependem desta coleta. Logo a renda média, que mantém os (as) catadores (as) de materiais recicláveis, é menor que um salário-mínimo, ainda que estes possuam uma extensa jornada de trabalho, que variam entre 7 e 10 horas, durante os 5 dias da semana.

Esse trabalho realizado por catadores (as) de materiais recicláveis/reutilizáveis, seja nas ruas do centro da cidade ou no lixão, ocupa o final da cadeia produtiva de muitas mercadorias



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

circuladas pelo capital. Mas, mais que isso, contribui diretamente para a diminuição do acelerado ritmo de superexploração dos bens da natureza. Reciclar e reutilizar os materiais desperdiçados dos fluxos de consumo, não enfrenta diretamente a contradição entre capital, natureza e trabalho, onde encontramos os fundamentos da questão ambiental, mas de alguma forma diminui os passivos ambientais.

A natureza é o corpo inorgânico do homem, quer dizer, a natureza enquanto não é o corpo humano. O homem vive da natureza, isto é, a natureza é o seu corpo, e ele precisa manter um diálogo contínuo com ele se não quiser morrer. Dizer que a vida física e mental do homem está ligada à natureza significa simplesmente que a natureza está ligada a si mesma, pois o homem é parte da natureza. (FOSTER, 2005, p. 107 apud MARX, 1992)

Nos marcos desta sociabilidade que amontoa montanhas de resíduos sólidos resultado da constante criação das novas necessidades de consumo e do consumismo decorrente do “fetiche da mercadoria” (IAMAMOTO, 2010), é urgente enfrentarmos essa forma de apropriação da natureza. Retomar a relação orgânica de transformação mútua entre ser humano-natureza com a finalidade do trabalho para nossa essência humana criativa e não alienadora exige, necessariamente, a construção de uma nova ordem societária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises aqui produzidas nos permitem inferir, que o trabalho desenvolvido por catadores (as) de resíduos sólidos que trabalham no lixão da cidade de Iguatu, não difere das atividades laborais desenvolvidas por outros catadores de lixão em cidades brasileiras, uma vez que a estes faltam condições dignas de trabalho como equipamentos de proteção individual, infraestrutura nos lixões, além desses trabalhadores se tornarem catadores de resíduos por falta de oportunidade, vindo a catação a se tornar a única fonte de renda dos trabalhadores e de suas famílias.

No cotidiano de trabalho no lixão de Iguatu, Ceará, a maioria dos trabalhadores são mulheres cis e trans, de cor parda e negra, com idade entre 18 e 62 anos, com escolaridade inconcluída no ensino fundamental e composição familiar com mais de um filho. Os catadores residem próximo ao lixão e convivem com o mal cheiro exalado pelas enormes montanhas de lixo, assim como com a fumaça, a presença de moscas, urubus e roedores, bem como a exposição a inúmeros riscos de doenças e contaminações. O trabalho consiste na coleta, separação, ensacamento e venda dos materiais a atravessadores que adentram o lixão que se constitui em



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

cadeias de amontoados de lixo sem nenhuma preparação do solo que recebe desde restos de alimentos, metais, plásticos e materiais hospitalares, dentre outros. Essas atividades são realizadas sob a exposição ao sol e a chuva, com horário definido pelas necessidades materiais de sobrevivência, sempre ultrapassando 8 horas diárias. Inexiste banheiros e as refeições são realizadas em barracas improvisadas que servem também para descanso entre um e outro caminhão que despejam os resíduos no lixão. Sem participação em nenhuma política de seguridade, quando adoecem os catadores param de trabalhar e de garantirem a renda de sobrevivência contando com a solidariedade dos familiares, amigos e companheiros de trabalho.

É importante pontuar que os catadores/as não possuem visibilidade como uma classe social, a renda média, que se mantém, é menor que um salário-mínimo, refletindo a instabilidade econômica vivenciada por essas/es trabalhadores/as, o que limita seu acesso aos serviços essenciais e aumenta sua exposição a riscos ambientais. Essa realidade evidencia a interseção entre a pobreza, a escassez de oportunidades e os impactos adversos do lixão que não apenas comprometem a saúde física dos catadores/as, mas também perpetuam estigmas e a marginalização desse grupo de trabalhadores tão importantes para a manutenção do cuidado com o meio ambiente.

Ratifica-se portanto que todas essas adversidades vivenciadas pelos catadores estão interligadas a questão social, que além de impactos que deteriora e traz prejuízos ao meio ambiente, a população das cidades próximas, trazendo também consequências para população que vive no entorno do lixão e para os indivíduos que atuam de forma mais próxima nestes locais insalubres e precarizados como o trabalho realizado pelos catadores/as no lixão de Iguatu, CE.

Ante essa realidade, Iguatu, que em seu topônimo significa “água boa”, acaba contaminando sua própria água. Do lixão é possível observar o leito do Rio Jaguaribe que banha alguns municípios, sendo grande fonte de vida, mas que sofre poluição. Este fato não é culpa dos (as) catadores (as), inverso a isso, eles e elas realizam um trabalho de sustentabilidade que merece um melhor reconhecimento. Foi nesse sentido que produzimos o trabalho que ora apresentamos, concluindo ser imperativo abordar essas questões de maneira integrada, promovendo políticas públicas que visem à melhoria das condições de vida e trabalho dos catadores, ao mesmo tempo em que soluções sustentáveis para a gestão de resíduos na região precisam ser urgentemente implementadas.

REFERÊNCIAS



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial; 2000.

Diário do Nordeste. Jornal diário. Clima e condições meteorológicas médias em Iguatu no ano todo. Disponível em:
<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/lixao-gera-poluicao-e-compromete-a-saude-publica-em-iguatu-1.3012743>. Acesso em 28 de julho de 2024.

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx: materialismo e natureza**. Tradução Maria Tereza Machado. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço social em tempos de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. - 4ª ed - São Paulo: Cortez, 2010.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1960.

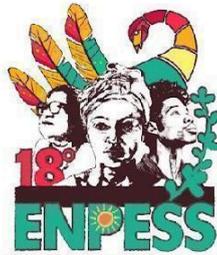
_____ **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. Ilustração de No Martins. - 1. ed. - São Paulo: Ática, 2020.

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 4ª ed. - Instituto Lukács: São Paulo, 2009.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. Expressão Popular: São Paulo, 2004.

LUCAS, M. W. A. PEREIRA, E. M. SANTO, L. P. M. **Questão ambiental e precarização do trabalho a partir da realidade do lixão de Iguatu-Ceará**. Temporalis, Brasília DF, 2017, n. 34, jul/dez 2017.

MAXR, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844**. Tradução Jesus J. Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

MARX, Karl. **O capital: a crítica da economia política**: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

PACHECO. Tania. **Racismo Ambiental: expropriação do território e negação da cidadania**. Blog Combate Racismo. 2014.

REVEILLEAU, A.C.A.A. **As catadoras e os Catadores na Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos. Tese. Doutorado. Universidade de São Paulo, SP, 2018.

VEYRET, Y. (Org.) **Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2007.